

# FATOS E NOTAS

---

SEBASTIAN MÜNSTER: MAPPA EVROPAE.

Uma Raridade Seiscentista no Itamarati.

---

HANS JÜRGEN WILHELM HORCH

A Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, conservada no Palácio do Itamarati, no Rio de Janeiro, é assaz conhecida pela riqueza de suas coleções de obras raras, às quais não faltam até incunábulos e um expressivo número de obras seiscentistas.

Entre as coleções de sua Mapoteca, a longos anos sob a competente chefia da incansável pesquisadora que é D. Isa Adonias, encontra-se também um volume modesto, de meia centena de páginas. Trata-se da segunda edição de *Mappa Evroepae*, de Sebastian Münster, impressa em Frankfurt, em 1537.

Pesquisando sobre obras geográficas do século XVI deparamos com este livro que, apesar de não tratar do Brasil e nem sequer da América, em nossa opinião merece uma referência destacada, dada a sua extrema raridade que a transforma em verdadeiro tesouro, com certeza avidamente disputado entre as maiores bibliotecas do mundo.

\* \*  
\*

Durante mais de quatro séculos, Sebastian Münster (1489-1552) tem sido considerado, estudado e às vezes até elogiado como cosmógrafo. Chegou a ser apostrofado como o “Strabo alemão”. Embora este autor clássico, contrário a Ptolomeo, Solinus, Mela e outros não merecesse nem edição nem comentários publicados por Münster. Não resta dúvida porém que serviu de fato como uma das principais fontes clássicas para os trabalhos geográficos de Münster, tendo este mesmo se considerado como “sucessor” de Strabo na dedicatória da *Cosmographia*. Em anos recentes, ao que parece, os aspectos hebraísticos dos estudos, dos trabalhos e da vida acadêmica de Münster mereceram maior destaque, principalmente devido aos estudos de K. H. Burmeister (1). Mesmo assim, porém, continua a prevalecer a figura do

---

(1). — BURMEISTER (Karl-Heinz), *Sebastian Münster. Versuch eines biographischen Gesamtbildes*. Basel-Stuttgart, 1963, pp. 108 ss. (doravante citado como: BURMEISTER, *Sebastian Münster — Biografia*).

“cosmógrafo”, se nos seja permitido reunir sob esta definição os trabalhos de geografia e topografia, de matemática e de astronomia (2). Alegou-se que os trabalhos hebraísticos se apresentaram de forma mais ampla, mais diversificada e que, refletindo mais fielmente a evolução da carreira universitária de Münster, teriam os estudos hebraísticos, principalmente juntando-se aos de teologia, predominado durante a maioria dos seus anos mais produtivos. Em contraste, a fama de Münster como cosmógrafo resultaria principalmente de uma só obra, ou seja da própria *Cosmographia* a qual somente veio à luz na última década da vida de seu autor e cujo maior sucesso se teria dado de 1550 em diante. Estatisticamente, não há como negar estas afirmações: as obras, nas quais Münster figura como autor, compilador ou tradutor atingem quase cem títulos, excluídos os excertos da *Cosmografia*, principalmente os traduzidos para o inglês. Dêstes quase cem títulos, dois terços correspondem à obras de hebraísmo ou de teologia, um terço à geografia, matemática e astronomia. Até a morte de Münster em 26 de maio de 1552, suas obras tinham alcançadas cerca de 104 edições. Destas, 62 de hebraísmo e de teologia e somente 42 de assuntos “cosmográficos”. Porém nas edições póstumas (3), temos somente vinte obras de hebraísmo e de teologia contra trinta e oito ou seja, quase o dobro, em astronomia, matemática e, principalmente da própria *Cosmographia*, que nelas figura com 28 edições póstumas contra oito na vida de seu autor, estabelecendo assim um equilíbrio em torno de oitenta edições para cada uma das duas disciplinas no conjunto das edições de Münster que conhecemos. Tampouco podemos negar que as obras de teologia e de hebraísmo mantêm relação bem mais estreita do que as demais com a vida acadêmica de seu autor, já que Burmeister refutou validamente a afirmação de Hantzsch e outros, que Münster teria lecionado sobre geografia e disciplinas correlatas seja em Heidelberg, seja em Basel (4). Queremos acreditar, porém, que o exercício da cátedra de hebraísmo (1524-1527 em Heidelberg, 1529-1552 em Basel) com toda sua documentação mais ostensiva e, por assim dizer, oficial, não ofusca para nós, retrospectivamente, a preocupação constante de Münster, igualmente durante os longos anos da fase mais produtiva de sua vida, para com a geografia e a cosmografia. Testemunha desta ocupa-

---

(2). — Vide também STRAUSS (Gerald), *Sixteenth Century Germany. Its Topography and Topographers*. Madison, Wisc., 1959, capítulo 3, *passim*.

(3). — Até o século XVIII.

(4). — Entre outros: HANTZSCH (Viktor), *Sebastian Münster. Leben, Werk, Wissenschaftliche Bedeutung*. Leipzig, 1898, reprint: Nieuwkoop, 1965, p. 14, 33. Ou, mais recentemente: BAGROW (Leo), *Die Geschichte der Kartographie*. Berlin, 1951, p. 119-120.

ção é o que nos resta de sua correspondência (5), são os seus constantes pedidos, bem além das fronteiras da região de suas relações pessoais, para a colaboração descritiva, historiográfica ou ilustrativa em prol de uma maior divulgação para gerações posteriores não somente da Alemanha, como do mundo então conhecido. Para mostrar a bipolaridade de Münster, já aludimos aos elementos estatísticos de sua produção bibliográfica. Para os contemporâneos, o hebraísta e professor de teologia possivelmente destacava-se mais que o cosmógrafo, embora um exame mais profundo da questão poderia levar-nos a restringir a repercussão daqueles trabalhos para um público bem mais restrito do que aquêlo ao qual se destinaram as obras geográficas, e, principalmente, a própria *Cosmografia*. Foi esta obra que popularizou o nome de Sebastian Münster. Durante três gerações, de 1544 a 1628, nada menos que trinta e cinco edições e adaptações (sem contar as traduções parciais, principalmente para o inglês) saíram da *Cosmografia*, transmitindo o retrato do mundo contemporâneo como Münster e seus colaboradores o viram. Somente cinco destas edições foram publicadas em latim, tôdas as demais, entre as quais vinte em alemão (6), destinavam-se à divulgação popular. O número total dos exemplares da *Cosmografia* somente pode ser estimado. Burmeister considera 60.000 exemplares somente para as vinte e cinco edições em alemão e latim o que daria mais de setenta mil para as trinta e cinco edições em conjunto (7). Mesmo se êste total não tenha sido atingido, já que uma das melhores e mais populares edições, a de 1550, foi feita em 1800 exemplares, tanto na edição em alemão como em latim (8), uma tiragem global de quarenta a cinqüenta mil exemplares certamente colocaria a *Cosmografia* entre as publicações de maior divulgação da época. Das trinta e cinco edições

---

(5). — Vide: BURMEISTER (Karl-Heinz), (ed.) *Briefe Sebastian Münsters*. Ingelheim, 1964, *passim*. (Doravante citado como BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*).

(6). — 1544, 1545, 1546, 1548, 1550, 1553, 1556, 1558, 1561, 1564, 1567; 1569, 1572, 1574, 1578, 1588, 1592, 1598, 1614, 1628.

Para uma descrição bibliográfica destas edições, vide: BURMEISTER (Karl-Heinz), *Sebastian Münster. Eine Bibliographie*. Wiesbaden, 1964. Nº 66-86. (Doravante citado como BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografia*).

Não consideramos a edição de 1615 (Burmeister nº 85) como edição separada, pois parece tratar-se da edição de 1614, à qual, em alguns exemplares, foi acrescentada uma nova fôlha de rosto com data de 1615. Por outro lado, existem indicações de diversas outras edições das quais, porém, não foram ainda localizados exemplares.

(7). — BURMEISTER: *Sebastian Münster. Biografia*, p. 182.

(8). — Carta de Münster a Konrad Pellikan, de 5 de julho de 1550, in: BURMEISTER *Briefe Sebastian Münsters*, nº 48; pp. 179-183.

somente oito saíram durante a vida do seu autor, inclusive a primeira em francês que praticamente coincidiu com a morte de Münster (9). Se, sob este ponto de vista, a *Cosmografia* poderia aparecer como obra da fase final de Münster e primordialmente de repercussão póstuma, tal não seria lícito afirmar se a *Cosmografia* for examinada sob o ponto de vista dos seus estudos preliminares, seus precursores e de sua própria preparação. A *Cosmografia* esteve na mente de Münster pelo menos durante os últimos vinte e cinco anos de sua vida. Sua idéia inicial situa-se comprovadamente na mesma época em que o jovem professor firmou em Heidelberg sua reputação como hebraísta, e possivelmente é de data anterior. O próprio Münster nos declara na carta dedicatória da *editio princeps* da *Cosmografia* ao Rei Gustavo Wasa da Suécia (17 de agosto de 1544) que a dezoito anos começou com o projeto da *Cosmografia* (10) e poucos meses depois reconfirma isto em termos não menos elucidativos quando, em 7 de novembro de 1544 escreve a Andreas Masius:

“... Cosmographia... cui operi insudavi fere 18 annis, non quidem continuo et successivis horis...” (11).

Dezoito anos antes, porém, em carta dirigida de Heidelberg de 9 de março de 1526 a Beatus Rhenanus (12) já se refere a um projeto de descrição do Rheno discutido entre ambos dois anos antes em Basel, isto, é, em 1524. Elementos até anteriores certamente existem, mas torna-se mais difícil distinguir nêles as anotações do estudante e discípulo de Stöffler ou Pellikan, de eventuais idéias, necessariamente ainda muito vagas, de futuros trabalhos próprios. Já em 1525, todavia, Münster inclui em uma fôlha de calendário astronômico um ma-

---

(9). — O Privilégio Real data de 20 de janeiro de 1552; a carta de Münster ao Leitor de “maio de 1552”. Münster morreu em 26 de maio de 1552.

(10). — “... wie ich daß solichs vor 18. jaren hab vndstanden vñ angefangen mit disem werck nach gefolgt den hochgelernten man Straboni”. (*Cosmografia*, 1544, aii verso).

A referência aos “18 anos” não foi modificada por Münster em edições posteriores. Assim, na edição de 1550 em alemão, bem como em outras edições posteriores, encontramos a mesma referência, dando margem a interpretações errôneas. Em 1550, Münster somente atualizou a data da carta dedicatória para 17 de março de 1550 e acrescentou algumas informações. Também atualizou outra referência cronológica (à 1542), mas errou em dois anos, quando escreveu: “... Als ich aber vor sechs jaren...”. (*Cosmografia*, 1550, aii verso).

(11). — Carta de Sebastian Münster a Andreas Masius, de 7 de novembro de 1544. Vide: BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*, nº 23, pp. 88-91.

(12). — Carta de Sebastian Münster a Beatus Rhenanus, de 9 de março de 1526. Vide: BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*, nº 1, pp. 15-23.

pa circular da Alemanha (13) para o qual três anos mais tarde publica breve comentário em outro opúsculo (14). Nêste, também sai, junto com o respectivo mapa, a descrição da região de Heidelberg à qual já tinha aludido na citada carta a Beatus Rhenanus o que significaria que já em princípios de 1526 deve ter existido, pelo menos, um esboço do mapa da região de Heidelberg (15). Não menos importante, porém, é a inclusão, na *Erklerung* de 1528, de um pedido de Münster a seus leitores para lhe enviarem descrições da Alemanha. Esta *Vermunung Sebastiani Münster an alle liebhaber der künstenn im hilff zu thun zu warer vnnnd rechter beschreybung Teütscher Nation* esboça a filosofia fundamental seguida depois na *Cosmografia* embora que ainda não estabeleça definitivamente a futura preponderância para a *Cosmografia* da escola historiográfica e descritiva de Lorena sobre a escola matemática, a chamada “escola de Nuremberg”. Na *Germaniae Descriptio* de 1530 (16) ainda notamos elementos das duas escolas conflitantes mas já se delinea a preferência de Münster para o caminho descritivo, o que levou Hantzsch (17) a reclamar de “desnecessárias notícias históricas” já que ele se limitou à análise, aliás exemplar para sua época, dos fatores externos na obra de Münster, sem penetrar muito nos processos evolutivos que se reflitam na mesma. A *Germaniae Descriptio* já contém mais do que mera semente para a *Cosmografia*, pois várias vezes, como assinala com razão Burmeister, encontramos referencias ao trabalho que Münster, mesmo nesta fase inicial de sua vida acadêmica em Basel, estaria realizando com vistas à sua obra mestre (18). Na *Germaniae Descriptio* de 1530, Münster escreve um comentário para um mapa da Alemanha feito por Nicolau Cusanus. Menos de dois anos depois, em março de 1532, Münster usa como ponto de partida outro mapa, mas desta

---

(13). — Münster (Sebastian), *Eyn New lustig vnd kurtzweilig Instrument der Sonnen...* Oppenheim, (1525). Vide: BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 30; HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 72-73; e as demais fontes citadas em BURMEISTER, *loc. cit.*; reproduzido em: BAGROW (Leo), *Die Geschichte der Kartographie*, Berlin, 1951. Tafel 70; BAGROW (Leo), SKELTON (R. A.), *History of Cartography*, London, 1964, Plate LXXIX.

(14). — MÜNSTER (Sebastian), *Erklerung des newen Instruments der Sonnen...* Oppenheim, 1528. Vide: HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 33-36 e nota 54.1; BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 31, onde cita outras fontes.

(15). — Sebastian Münster, em sua carta a Beatus Rhenanus, citada na nota (12): “... in chartam ad hoc paratam...”.

(16). — MÜNSTER (Sebastian), *Germaniae atque aliarum regionum, quae ad imperium usque Constantinopolitanum protenduntur, descriptio...* Basel, 1530. Vide: HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 37-8 e 73-4, nota 57.1; BURMEISTER *Sebastian Münster, Bibliografia*, nº 57.

(17). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 38.

(18). — BURMEISTER: *Sebastian Münster. Biografia*, p. 114.

vez mundial, cuja autoria geralmente é atribuído ou a Münster ou a Holbein. Mas, também esta vez, em seu *Typi Cosmographici et declaratio et usus*, incluídos no *Novus Orbis* de Grynaeus e Huttich (19), Münster vai além de um mero comentário acerca de um mapa. Trata-se antes de uma apresentação, embora sumária, dos relatos de viagens aos diversos continentes contidos no *Novus Orbis* e é digno de notar que os *Typi Cosmographici* também foram incluídos na edição subsequente, de outubro de 1532, embora nesta não figurasse mais o mapa mundial atribuído a Münster (20). Não há dúvida que o próprio Münster depois aproveitou o *Novus Orbis* para sua *Cosmographia* e observa-se uma esquematização algo semelhante na descrição de diversas partes entre o *Novus Orbis* e a *Cosmographia*. Porém, já encontramos reflexos do *Novus Orbis* bem antes de 1544, ano em qua saiu a primeira edição da *Cosmographia*. Pois já em 1536, provavelmente bem no início do ano (21), Münster nos apresenta em *Mappa Evropae* uma obra, de tamanho reduzido, desta vez em língua

---

(19). — GRYNÆUS (Simon) e HUTTICH (Johann), *Novus Orbis Regionvm ac Insularvm veteribus incognitarvm...* Basel, 1532. Esta coleção de Descrições de Viagens é bastante conhecida para dispensar maiores comentários. Citamos somente: HARRISSE (B. A. V.), nº 171; SANZ, (Carlos), B. A. V. *Adiciones*, Madrid, 1960, pp. 1131 ss; HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 38-9 e nota 59.1 com relação das viagens; BOEHME (Max), *Die grossen Reisesammlungen des 16. Jahrhunderts*. Strassburg, 1904. (Reprint Edition: Amsterdam 1962 e 1968), pp. 48-54 (com relação das viagens); BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografía*, nº 60; MORAES (Rubens Borba de), *Bibliographia Brasiliana*. Rio de Janeiro-Amsterdam, (1958), vol. I, p. 317.

(20). — GRYNÆUS (Simon) e HUTTICH (Johann). *Novus Orbis Regionvm ac Insularvm veteribus incognitarvm...* Paris, 1532. Nesta edição, o mapa mundial de Münster-Holbein foi substituído por outro, cordiforme, de Orontius Finaeus, de 1531. Não obstante, os *Typi cosmographici* de Münster foram incluídos. Estes também foram mantidos nas demais edições em latim (Basel, 1537 e Basel, 1555), junto com o mapa de Münster. Nem o mapa, nem o comentário, porém, constam da tradução para o alemão feita em 1534 por Michael Herr e publicada em Strassburg e, conseqüentemente faltam também na edição holandesa, baseada na tradução alemã (1563). Frequentemente, os exemplares de GRYNÆUS são encontrados sem o respectivo mapa e HARRISSE (B. A. V. nº 171-173) trata dos mapas em particular. SANZ, *op. cit.*, p. 1132, informa que frequentemente faltam as páginas de autoria de Münster aos exemplares das primeiras edições por terem sido expurgados.

Da edição de Paris, 1532 existem exemplares com fôlhas de rosto diferentes, o que escapou à atenção de vários bibliógrafos. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (SLR 49.5.5) possui exemplar indicando como editor Jean Petit (HARRISSE, B. A. V. nº 173), enquanto que o Itamarati (L. 43) possui exemplar onde figura Galeotus a Prato (Galliot du Pré) como editor (HARRISSE, B.A.V., nº 172). O colophon é sempre o mesmo e indica ambos os editores.

(21). — Em 1 de março de 1536, Paulo Volz, em carta a Beatus Rhenanus, menciona, aliás em termos não favoráveis, um mapa do Rheno de Münster. Presumimos que se trate do mapa incluído em MAPPA EVROPAE. Vide: Horawitz-Hartfelder: *Briefwechsel des Beatus Rhenanus*. Leipzig, 1886, p. 419.

alemã e, portanto, destinada antes à leitura popular, que contém uma descrição de diversos países da Europa, na qual facilmente se notam a influência tanto da *Germaniae descriptio* como do *Novus Orbis*. A descrição é bastante sumária, o preparo da edição ocasionalmente pouco cuidadoso, as ilustrações na sua grande maioria sem muito valor. Os três mapas que acompanham o livro certamente merecem maior destaque do que muitos dos seus curtos capítulos. Mas, o valor de *Mappa Evropae*, que já no ano seguinte mereceu uma segunda edição, deve ser considerado antes no sentido de mais um passo na concepção e na esquematização da idéia da *Cosmographia*, principalmente tal como esta se concretizou na primeira edição de 1544 e, portanto, antes que outras influências, algumas externas (22), começaram a transformar e aperfeiçoar a obra mestre de Münster (23).

Assim a *Mappa Evropae* se situa entre a *Erklerung* de 1528 e a primeira edição da *Cosmographia* em alemão (1544), popularizando excertos da *Germaniae Descriptio* e do *Novus Orbis*, e estabelecendo a função de uma série de mapas como elemento suplementar para a descrição geográfica e histórica de uma determinada região (24).

Após uma breve descrição bibliográfica, examinaremos em seguida o conteúdo da obra, suas ilustrações, e principalmente, seus três mapas que até hoje carecem de uma descrição bibliográfica pormenorizada. Concluindo, apresentaremos algumas observações sobre a raridade da obra e relativas a alguns aspectos editoriais, feitas em base de pesquisas realizadas em bibliotecas dos Estados Unidos e da Europa e, em parte, através de microfilmes gentilmente fornecidos por diversas bibliotecas.

---

(22). — Entre as influências externas deve ser considerado a necessidade de melhorar a *Cosmographia* em face da publicação, em 1548, da excelente *Eydgno-schafft* de Johannes Stumpf. A preocupação de Münster data da época da preparação da obra “concorrente” e ficou bem documentada em sua correspondência. *Vide*: Carta a Konrad Pellikan, de 9 de fevereiro de 1545 em BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*, nº 25, pp. 95-8.

(23). — O resultado é a edição de 1550 da *Cosmographia*, ampliada e melhorada. Mesmo depois, Münster continuava a expandir e aperfeiçoar sua obra mestre, planejando até um segundo volume. A sua morte, em 26 de maio de 1552, porém, impediu a concretização deste plano e somente vinte anos depois aparecem alguns elementos nas edições póstumas que já foram elaborados por Münster entre 1550 e 1552. Sobre os planos de expansão, *vide*: BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*, nº 49 e 50, respectivamente, de 9 de dezembro de 1550 a Johann Albrecht I, Duque de Mecklenburg e de 23 de dezembro de 1550 a Joachim Vadianus.

(24). — *MAPPA EVROPAE* é a primeira obra de Münster contendo mais de um mapa.



# Cosmographi.

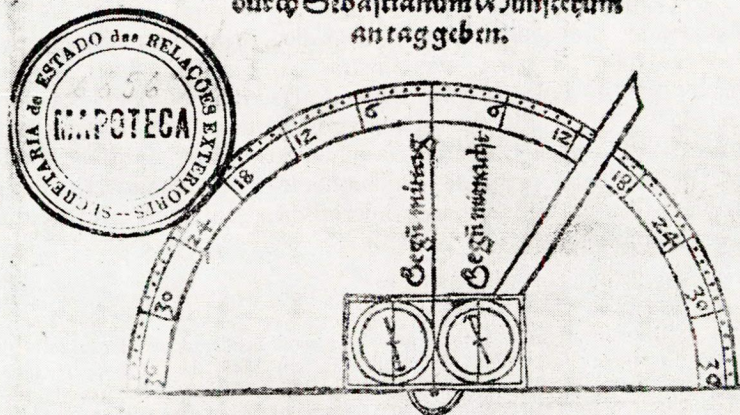
MAPPA EVROPAE, Eygentlich fürgebil  
det/ außgelege vmb beschriben. Vom aller land  
vnd Secc ankunfft/ Belegenheit/ siten/ reys  
ger Handierung vnd Wesen.

Wie weit Secc vnd Länder inn Europa  
von einander gelegen/ leichtlich zu finden.

Des Polus in ieglicher stadt erhebung/ Da  
her vil nutzbarkeyt/ als die Sonnhr/ Compass/  
Chilinder etc. zumachen.

Wie einer fürgenommene reyse zu wasser  
vnd land/ durch einen Compass/ richten/ vnd  
vngewis zu einer stadt zureffen soll.

Künstlich vnd gewisse anleytung/ einen  
vmbkreiß einer stadt oder Landschaft zu verzeich  
nen/ Wappen vnd Landraffeln zumachen/  
durch Sebastianum Munsterum  
an tag geben.



Seu colofão no fim:

Druckert zu Frankfurt am Meyn/  
Bei Christian Egenolff.

1637.





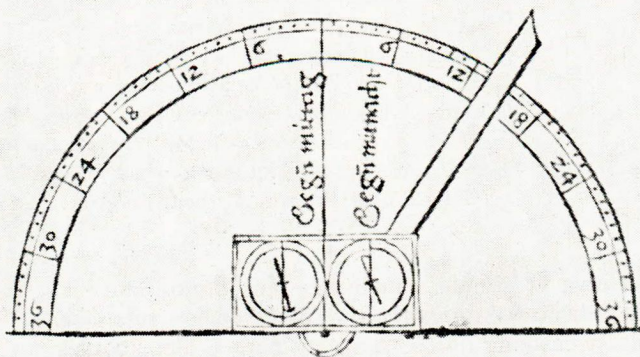
**MAPPA EVROPAE**, Eygentlich  
fürgebildet/ außgelegt vnd beschreibenn. Von  
aller Land vnd See ankunfft/ Gelegenheit/ sitten/  
iezigiger handtierung vndt Wesen.

Wie weit ein statt von der andern gelegen/  
Auch seet vnd Länder Europe sein diser Mappa oder Tafel  
( von enge wegen ) wie verzeychnet/ leichtlich zu finde.

Wie hoch sich der Polus inn einer ieglichen  
stat erhebe/ Daher vil nützlichkeiten/ als die Sonnuh/  
Campas/ Chylinder ic zumachen.

Wie einer ein fürgenommene reyse zu was=  
ser vndt land/ durch einen Campas/ richten/ vndt vñ=  
geiret zu einer stat zureiffen soll.

Künstlich vnd gewisse Anlehung/ eine vmb=  
reis einer stat oder Landschaft zu erzeychen/ Map=  
pen vnd Landtaffeln zumachen/ durch Sebastianum  
Münsterum an tag geben



E seu colofão respectivo:

Gedruckt zu Franckfurt am Meyn/  
Bei Christian Egenolph.

Segue a descrição bibliográfica das duas edições. Para a descrição das folhas de rosto respectivas, vide as reproduções que acompanham o artigo.

1536 — 4º 24 fls., assin.: A-F<sup>4</sup>

Com uma xilogravura mostrando uma bússula na parte inferior da folha de rosto (repetida na folha A ii recto) e vinte e duas xilogravuras pequenas (3 repetições) mostrando castelos, cidades, batalhas, etc.

Na folha A iii verso mapa da Região de Heidelberg (título ao pé da página A iii recto).

Entre (A iii) e B i, ou no fim do volume, dois mapas desdobráveis, sendo o primeiro intitulado *Tabula Europe*, o segundo *Beschreibung des Rynstramsz von Basel bisz ghan Mentz*.

Hantzsck 63,1; Benzing, Egenolff-Frankfurt 110; Burmeister 64.

1537 — 4º 24 fls., assin.: A-F<sup>4</sup>

Com uma xilogravura, mostrando uma bússula, na parte inferior da folha de rosto e repetida na folha A i verso e vinte e duas xilogravuras pequenas (duas repetições), mostrando castelos, cidades, batalhas, etc.

Na folha A iii recto, mapa da Região de Heidelberg, cujo título se encontra ao pé da folha anterior A ii verso.

Entre (A iii) e B i ou no fim do volume dois mapas desdobráveis, o primeiro com o título de *Tabula Europe*, o segundo *Beschreibung des Rynstramsz von Basel bisz ghan Mentz*.

Hantzsck 63.2; Benzing, Egenolff-Frankfurt 130; Burmeister 65.

Observa-se grande semelhança nos títulos entre a primeira e a segunda edição. A maioria das divergências refere-se à ortografia, aliás ainda bastante fluída na época para o alemão. Na segunda edição, o título do livro começa com a palavra *Cosmographie* o que contribuiu muito para que, erradamente, fôsse considerada por alguns bibliógrafos como primeira edição desta obra. A outra diferença no título da segunda edição é restritiva, eliminando a referência à medição de distâncias entre cidades não constantes do mapa, embora o respectivo texto, aliás, bastante breve e pouco detalhado, consta tanto na primeira como na segunda edição (1536: B i verso; 1537: B i recto).

O título é mais explícito com respeito à matéria de topografia e geografia matemática do que relativo à descrição historiográfica da Europa. Não obstante, aquela parte somente ocupa as primeiras no-

ve páginas (25) (incluindo até a descrição da região de Heidelberg, mas não contando os mapas) contra 36 páginas da parte descritiva do livro. Também no texto não há maiores diferenças entre a primeira e a segunda edição. Fora das variantes ortográficas — observadas também dentro de cada edição — somente encontramos ligeiras modificações redacionais e pouquíssimas omissões na segunda edição.

\* \*

\*

O livro abre (26) com instruções para uma descrição regional (*Anleitung wie man geschicklich einen vmbkreis beschreiben sol*). Para tanto Münster escolheu a região de Heidelberg pois já tinha publicado oito anos antes o respectivo mapa e sua explicação *Erklerung der Tafel inhaltend den becirck vmb Heydelberg* (27). Trata-se, provavelmente, da parte mais antiga da geografia descritiva publicada por Münster, pois acreditamos ser este o mapa ao qual Münster se refere como já existente ou, pelo menos esboçado, em sua carta de 9 de março de 1526 a Beatus Rhenanus (28).

Seguem então breves comentários sobre o mapa da Europa. Estes começam na fôlha A iiii (1536: verso; 1537: recto) o que explica a inclusão dos mapas desdobráveis entre A iiii e B i em diversos exemplares como veremos em diante. Estes comentários limitam-se à determinação de distâncias, da latitude e ao uso da bússola, este principalmente com respeito aos mapas regionais.

A descrição propriamente dita da Europa ocupa a maior parte do livro (1536: a partir de B iii recto; 1537: a partir de B ii verso). Não segue a um plano racional (29) e, na maioria dos países, apresenta um comentário sumário, freqüentemente sem valor. Os capítulos sobre a Alemanha, a Turquia e a Tartária são os melhores e relativamente mais extensos. Em relação à Alemanha, o próprio Münster cita Willibald Pirckheimer (30), Sebastian Franck (31) e Tácito

(25). — 1536: Aii recto — Bii verso; 1537: Ai verso — Bii recto.

(26). — 1536: Aii recto; 1537: Ai verso.

(27). — Vide nota 14.

(28). — Vide nota 15.

(29). — Por exemplo, os capítulos referentes à Lituânia e Rússia estão intercalados na descrição da Alemanha. Nápoles figura entre Paris e Inglaterra, Trier entre Espanha e Roma, etc.

(30). — Willibald Pirckheimer (1470-1530) traduziu a *Geographia* de Ptolemeo para o latim, publicando-a em 1525. Münster se baseou nesta tradução para sua edição de 1540. Pirckheimer também é o autor da *Germaniae explicatio* de 1530, freqüentemente reeditada e usada por Münster.

(31). — Sebastian Franck (1499-1542) publicou em Tuebingen, 1534, seu *Weltbuch* (HARRISSE, B. A. V. nº 197; SANZ, B. A. V. *Adiciones*, Madrid,

(32) como fontes. Para a Tartária (1536: E iiii verso até F ii recto; 1537: E iiii recto até F i verso) Burmeister (33) cita como fontes a *Hystoire merueilleuse* de Haython de Courcy e *De Regionibus orientibus* de Marco Polo, ambos antes incluídos no *Novus Orbis* de Grynaeus e Huttich (34) e, certamente, do conhecimento de Münster que havia escrito os *Typi Cosmographici*. . . para aquela obra. A descrição da Turquia, ocupando mais de cinco páginas nas folhas finais da *Mappa Europae* é talvez a mais ampla e detalhada com respeito aos costumes entre tôdas as descrições que encontramos neste livro. Repete-se pois, uma preferência do autor já observada na *Germaniae Descriptio* de 1530 onde a Turquia já tinha ocupado lugar de destaque. Mesmo na edição de 1550 da *Cosmographia* (edição alemã), à Turquia corresponderiam nada menos do que vinte páginas (M LX IIII a M LXXX III), ou seja, mais que o dôbro das nove páginas dedicadas naquela edição ao Nôvo Mundo (MC LXXXIII a MC XC II, errôneamente numerada MC L IIII).

Na primeira edição, o livro contém dezenove xilogravuras, mais três repetições. São de tamanho reduzido, algumas de forma quadrada (46 x 46 mm), outras retangulares (com altura variando de 44 a 50 mm e largura entre 36 e 45 mm). Stopp (35) conseguiu identificar somente seis ou seja a metade das vistas de cidades (Mainz, Veneza, Roma, Constantinopla, Frankfurt e Köln) e somente três destas (36) se encontram junto à descrição da respectiva cidade o que comprova a falta de cuidado no preparo da edição. Neste aspecto, a segunda edição não melhorou em nada. Se na edição de 1536 Veneza tinha como ilustração a repetição da igreja de St. Leonhard de Frakfurt (E ii recto), na segunda edição esta repetição foi eliminada. Mas Veneza não ganhou sua própria gravura existente no livro. Esta continuaria tanto no início da parte descritiva do livro (1536: B iii recto; 1537: B ii verso) como junto à descrição de Ná-

---

1960, pp. 1159-61) após ter publicado já em 1531 sua *Chronica, Zeitbuch und Geschichtsbibel*. Seu *Chronicon Germaniae*, porém, somente saiu em 1538, ou seja, após a *MAPPA EVROPAE*.

(32). — A influência da *Germania* de Tacitus sobre os humanistas é assaz conhecida. Para uma recente apreciação, vide: STRAUSS (Gerald), *op. cit.*, pp. 30-31 et al. (nota 2).

(33). — BURMEISTER, *Sebastian Münster, Biografia*, pp. 115, 155.

(34). — Marco Polo: *De regionibus orientalibus* figura como sexta relação no *Novus Orbis*, seguindo-lhe como sétima relação: *Haithoni Armeni ordinis Praemonstratensis de Tartaris liber*. (Vide: as fontes citadas na nota 19).

(35). — STOPP (Klaus) (ed.), *Sebastian Münster. Mappa Europae*. Edição Facsimilar com postfácio por Klaus Stopp. Wiesbaden, 1965, pp. 18-9. (Doravante citado como *STOPP: Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*).

(36). — Mainz, Frankfurt e Roma.

poles (1536: D iiii recto; 1537: D iii verso). Em vez disto, foi introduzida uma nova gravura (a vigésima), mostrando um castelo sem relação explícita alguma com o livro (E i verso). Em parêntese, acrescentamos, que nos demais casos, as duas edições mantêm as mesmas gravuras em madeira, havendo somente em um caso troca de duas gravuras lado a lado (1537: E ii verso), com perda parcial da moldura de uma delas.

Se as ilustrações, como demonstramos, são bastante modestas e em sua maioria nem relacionadas com a matéria do livro, não é menos verdade que os três mapas justificam uma apreciação mais detalhada em função de sua posição de destaque para os aspectos cartográficos da obra de Münster.

\* \*  
\*

#### 1. — *Mapa da Região de Heidelberg.*

Trata-se de um mapa gravado em madeira. As suas medidas internas são de 129 mm (largura) por 142 mm (altura). A sua escala aproximada oscila em volta de 1: 600.000 com mínimo de 1: 520.000 e o máximo de 1: 640.000. Ruthardt Oehme, porém, em bem documentado estudo (37) afirma ter o original manuscrito tido uma escala bem inferior, provavelmente entre 1: 200.000 a 1: 250.000.

O mapa abrange uma área delimitada ao norte pela latitude de Oppenheim, ao oeste pela linha Neustadt-Landau, ao sul tanto por Bretten como por Heilbronn (!) e, finalmente, ao leste pelo meridiano de Miltenberg-Main. Não conhecemos fontes para este mapa e presume-se que o mesmo tenha sido feito diretamente por Münster, baseado em suas observações quando de sua estadia em Heidelberg. O próprio Münster deve ter tido em mente este mapa quando, em 9 de março de 1526 escreveu a Beatus Rhenanus sobre a descrição geográfica da região de Heidelberg.

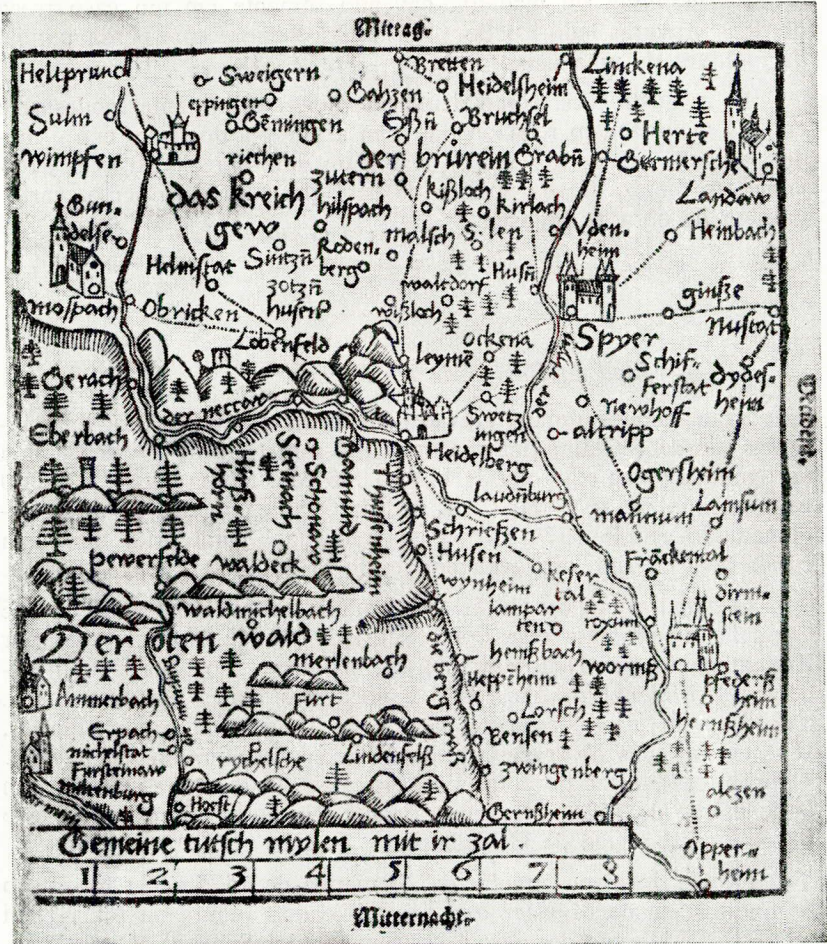
Depois do mapa circular da Alemanha de 1525 (38) foi este o segundo mapa de Münster que foi publicado. Figura na folha D iii recto da "Erklärung des newen Instruments der Sonnen", Oppenheim,

---

(37). — OEHME (Ruthardt), *Sebastian Münster und Heidelberg*. in: *Geographische Rundschau*, 15 (1963), pp. 191-202.

(38). — MÜNSTER (Sebastian), *Eyn New lustig vnd kurtzweilig Instrument der Sonnen...* Oppenheim, 1525. Vide BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 30; BENZING, Josef: *Jakob Koebel zu Oppenheim...* Wiesbaden, 1962, nº 91. Para reproduções, vide: nota 13.





1528 (39) e foi reproduzido em ambas as edições de *Mappa Evropae* (1536: A iii verso; 1537: A iii recto).

Hantzsch, que não tinha visto exemplar algum do citado mapa da Alemanha (40) e presume ter o mesmo sido publicado junto com a *Erklerung* de 1528, atribuiu ao mapa da Região de Heidelberg a primazia sobre aquêle, citando-o como primeiro na sua relação de 142 mapas de Münster (41). Ruthardt Oehme reproduziu o mapa em seu já citado estudo (42), valendo-se da edição de 1528. As demais reproduções, embora em número reduzido, baseiam-se geralmente em uma das edições de *Mappa Evropae*, embora afirmam tratar-se da reprodução da *editio princeps*. Para tanto, ajuda a aparente igualdade do mapa em tôdas as três edições, já que se trata do mesmo bloco com os nomes diretamente nêle gravados. Aparentemente, Münster ainda não utilizou neste mapa o processo cujo privilégio de invenção invocou (43) e o qual iria usar no futuro com tanta habilidade, ou seja, a inserção no bloco de madeira de tiras metálicas com os nomes reproduzidos tipogrâficamente. Mesmo assim, existem diferenças entre as três edições do mapa que permitem sua identificação quando necessário.

O mapa é orientado para o sul, conforme ocorreu freqüentemente naquela época. Em todos os exemplares por nós consultados, contém, fora da moldura do mapa pròpriamente dito, os quatro pontos cardeais, impressos tipogrâficamente (44). Norte e Sul aparecem em alemão, Oeste e Leste em latim. Verificamos as seguintes variantes em relação às três edições do mapa:

---

(39). — MÜNSTER (Sebastian), *Erklerung des neuen Instruments der Sonnen...* Oppenheim, 1528. Vide: nota 14; BURMEISTER: *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 31; BENZING (Josef), *op. cit.*, n.º 93.

(40). — Benzing e Burmeister (nota 38) citam dois exemplares existentes dêste mapa, ou seja em Basel (*Universitätsbibliothek*) e Nuernberg (*Stadtbibliothek*). Oehme, porém, *op. cit.*, p. 192, afirmou em 1963 que o exemplar da Biblioteca Municipal de Nurenberg, conforme declaração da própria biblioteca daquela cidade teria se perdido já antes da última guerra mundial. Desta forma, somente restaria um único exemplar, em Basel. Para reproduções, vide: nota 13.

(41). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 72, n.º I.

(42). — OEHME (Ruthardt), *op. cit.*, p. 195.

(43). — Carta de Sebastian Münster a Beatus Rhenanus, de 9 de março de 1526. (Schlettstadt, Stadtbibliothek, ms. 154; reproduzido em: BURMEISTER: *Briefe Sebastian Münsters*, I, pp. 15-23. Sobre a técnica utilizada por Münster, vide também: HORN, Werner: *Sebastian Münster's Map of Prussia and the variants of it*, in: IMAGO MVNDI, vol. VII, p. 70. Não conseguimos ver o recente trabalho de WOODWARD (David A.), *Hand-engraving, movable type and stereo-typing: a study of the lettering methods for woodcut maps*. Trata-se de uma tese para M. A. apresentada na Universidade de Wisconsin e, em 1967 aparentemente ainda não publicada.

(44). — Vide: STOPP, *op. cit.*, p. 15 e outras fontes aí citadas. Da edição de 1536 parecem existir exemplares com "Orient": em vez de "Orient".



1528	1536	1537
Mittag	Mittag.	Mittag.
Miternacht	Mitternach.	Mitternacht.
Occident	Occident.	Occident.
Orient	Orient.	Orient.

Também os títulos podem servir de identificação:

- 1528: Heydelberger becirck vff 6 meilen beschribē.  
1536: Heydelberger becirck auff Sechsz meilen beschribenn...  
1537: Heydelberger becirck auff Sechs meilen beschriben...

Na edição da *Erklerung* de 1528, o título encabeça o próprio mapa após quatro linhas de texto. Nas duas edições de *Mappa Evropae* porém, os títulos encontram-se no pé da página anterior (1536: A iii recto; 1537: A ii verso) e ainda contém a palavra: “volgt”, isto é, “segue”. Em ambas as edições de *Mappa Evropae* a página do mapa propriamente dito não possui, pois, título.

\* \*  
\*

## 2. — *Mapa da Europa.*

Intitulado *Tabule Europe*, o mapa foi gravado em madeira e também é orientado para o sul. As medidas internas são de 174 mm de largura por 128 mm de altura, excluindo-se para tanto as graduações laterais que indicam a latitude, mas incluindo-se as demais designações nas margens superior e direita do mapa. Tôdas suas inscrições e nomenclatura estão em latim (45), ao contrário do que observamos nos outros dois mapas do livro que as trazem em alemão.

Na parte superior, possui uma escala em milhas alemãs com a explicação que quinze milhas alemãs correspondem a um grau. A escala, porém, após marcar 15 milhas, continua em intervalos de 10 milhas até atingir 315 milhas. A utilização da escala foi explicada na folha B i recto (1537: A iii verso), mas a distância aí medida de Viena para Nuremberg como sendo de 60 milhas de fato resultaria em 65 milhas se aplicada na escala contida no mapa. Hantzsch (46) atribuiu ao mapa uma escala de 1: 18.000.000, mas nos parece que a escala média aproxima-se mais de 1: 17.000.000, embora haja osci-

---

(45). — Com exceção dos pontos cardeais em alemão, impressos nos exemplares da variante “B” em diante descrita, e que não fazem parte do mapa, propriamente dito.

(46). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 75.



lações bastante pronunciadas. A distância sugerida por Münster (mas não medida) de Danzig a Lisboa (1536: B i verso; 1537: B i recto) indicaria uma escala de 1: 16.400.000, aproximadamente, mas as distâncias norte-sul refletem escalas que chegam até 1: 17.500.000.

O mapa cobre uma área que abrange uma latitude efetiva de 35° até 55° norte e de 10.° oeste a 25.° leste de Greenwich. O continente europeu, porém, não está em posição absolutamente perfeita, pois há uma ligeira distorção da Europa setentrional para leste. Assim, a costa ocidental da Irlanda encontra-se no mesmo meridiano de Salamanca e a costa ocidental da Dinamarca coincide com o meridiano da costa oriental da Sardenha. No primeiro caso existe, pois, uma diferença com a posição verdadeira que atinge 5°, no segundo ficou reduzida para 2°, mais ou menos. Quanto mais ao leste, tanto mais reduzida fica a discrepância. Assim, o meridiano de Danzig coincide no mapa com o de Brindisi contra uma diferença efetiva de 1°, aproximadamente. Também na latitude observam-se algumas divergências. O estreito de Gibraltar, situado a 36° aparece em 35° e a maior parte do Mar Mediterrâneo Ocidental está algo distorcido, pois tanto Roma (41°50'), como Barcelona (41°20'), aparecem aos 40.°30'; mas já em Brindisi a divergência não atinge mais que 30' o que resulta da posição desfigurada da Itália. Na Europa Central, as latitudes correspondem bem melhor à realidade (Viena, Mainz, Paris, etc.), principalmente se levarmos em consideração a escala do mapa.

A gradação lateral marca as latitudes de 35 a 55° norte, sugerindo que o mapa abrange de 34 a 56° Norte o que excede a área real em 2° como demonstramos, já que além da diferença na posição do estreito de Gibraltar, a ponta setentrional da Irlanda (55°20') fica fora do mapa. Não há gradação dos meridianos longitudinais.

Hantzsch não conhecia uma fonte para o mapa e, conseqüentemente o considerou como compilação feita por Münster dos diversos mapas regionais da edição de 1525 da *Geographia* de Ptolomeo, tudo incorporado em desenho básico derivado do mapa mundial de Apianus de 1520 (47), peça aliás, raríssima da história da cartografia. Hoje, esta teoria não prevalece mais. Há muito tem sido aceita a tese defendida por A. Wolkenhauer (48), conforme a qual o mapa é baseado em Waldseemüller, tomando por base sua *Carta Itineraria Euro-*

---

(47). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 76.

(48). — WOLKENHAUER (August), *Sebastian Münsters handschriftliches Kollegienbuch aus den Jahren 1515-1518 und seine Karten*. In: *Abhandlungen der Koeniglichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Goettingen*. Philosophisch-Historische Klasse. Neue Folge, Band XI, n.º 3, pp. 5-68. *Reprint: Acta Cartographica*, Amsterdam, 1969, vol. VI, pp. 427-498. (Aparentemente com ligeira redução das reproduções de mapas). Doravante citado como *WOLKENHAUER: Kollegienbuch*.

paes de 1511 e servindo-se de cópias da mesma que o próprio Münster nos deixou no seu *Kollegienbuch* (49). Devemos defender Hantzsch, porém, num ponto: Quando escreveu seu trabalho sobre Sebastian Münster não conhecia ainda o *Kollegienbuch*, cuja descrição por A. Wolkenhauer data de 1908 (50) e é bem possível que desconhecia também a própria *Carta Itineraria Europae* embora tenha sido encontrado um exemplar do mapa em sua segunda edição de 1520 já em 1893 ou seja cinco anos antes do trabalho de Hantzsch sobre Münster. A respectiva publicação em quatro páginas de texto, acompanhada de uma reprodução do mapa em escala reduzida foi feita em tiragem reduzidíssima e, ao que parece foi a mesma exclusivamente distribuída entre amigos do seu autor, o Prof. Franz von Wieser. Desta forma não era encontrada em bibliotecas, ficando desconhecida durante décadas e hoje constituindo verdadeira raridade bibliográfica... (51). Devemos a Leo Bagrow uma reprovação mais recente deste mapa em escala reduzida à metade do tamanho original de 1170 x 830 mm (52). Mas mesmo este incansável historiador da cartografia somente conseguiu publicá-la uns 25 anos após ter tentado, em vão, encontrar um exemplar para reproduzi-lo quanto preparou seu *A. Ortelii Catalogus Cartographorum* e ainda hoje falta-nos uma descrição pormenorizada deste mapa de Waldseemüller.

O *Kollegienbuch* de Münster contém 44 mapas manuscritos. Destes, 29 tem por base a edição de Ptolomeo de Ulm, 1486, dois o mapa mundial de Waldseemüller de 1507, outros dois a edição de Ptolomeo de Strassburg, 1513 (cujos mapas modernos foram atribuídos a Waldseemüller) e 10 baseiam-se no mapa denominado *Carta Itineraria Europae* de Waldseemüller. Um mapa manuscrito, finalmente, não possui fonte até hoje esclarecida, tendo sido atribuído, pelo menos em parte, a observações do próprio Münster, já que trata do curso do rio Reno como veremos mais adiante.

Trinta e quatro destes 44 mapas foram desenhados em papel e no tamanho das demais folhas do manuscrito de 9 x 12,5 cms (53),

---

(49). — Bayerische Staatsbibliothek Muenchen, ms. 10961.

(50). — O trabalho foi apresentado à Academia Real de Ciências de Goettingen na sessão de 19 de dezembro de 1908.

(51). — Citamos o título completo desta peça raríssima, graças à gentileza do Tiroler Landesmuseum Ferdinandeum em Innsbruck; WIESER, Franz v. *Die Carta Itineraria Europae von Martinus Waltzemüller (Hylacomylus) wieder- aufgefunden und beschrieben von ...* Muenchen, Druck und Verlag von Knorr & Hirth, 1893. (1 f. dedicatória e 4 pp. + 1 reprodução do mapa).

(52). — BAGROW (Leo), *Carta Itineraria Europae Martinii Ilacomili, 1511*, in: IMAGO MVNDI, vol. XI, 1954, pp. 149-150 c/reprodução do mapa.

(53). — Seguimos às medidas comunicadas por WOLKENHAUER: *Kollegienbuch*, p. 39.

sendo que uma destas em fôlha dupla. Os 10 mapas restantes foram desenhados sôbre cinco fôlhas de pergaminho em tamanhos que variam de 12,5 x 17 cm para 17,5 x 24 cm. No *recto* da última fôlha de pergaminho (e do manuscrito) encontra-se um mapa da Europa em tamanho de 16 x 23 cms (54). De fato, existem numerosas semelhanças entre a *Carta Itineraria Europae* e êste mapa manuscrito bem como entre este e a *Tabula Europae* de 1536. Também existem, porém, alguns pontos de referência diretos entre a *Carta Itineraria Europae* e a *Tabula Europe* de 1536 aos quais Wolkenhauer naturalmente não aludiu já que não interferiram diretamente em sua tarefa principal da descrição do *Kollegienbuch*.

As semelhanças entre os três mapas incluem os seguintes pontos:

- a). — A *área abrangida* é idêntica nos três mapas quanto à limitação no sul e norte. Quanto à limitação oriental, existe identidade entre a Carta de 1511 (1520) e a *Tabula Europe* de 1536. O mapa do *Kollegienbuch*, porém, estende mais para o oriente e sudeste, já que inclui a parte ocidental do Mar Negro, o Bósforo com Constantinopla e a ilha de Creta. No Mar Báltico, porém, o limite oriental outra vez é idêntico o que demonstra uma certa distorção no mapa do *Kollegienbuch*.  
Com respeito ao limite ocidental, a *Tabula Europe* corresponde ao mapa do *Kollegienbuch*, pois termina com o litoral atlântico da península ibérica e mantém uma faixa do Atlântico ao ocidente da Irlanda aproximadamente igual à própria extensão da costa meridional irlandesa. Já a *Carta Itineraria Europae* apresenta uma área oceânica mais extensa em direção a oeste, além de nela colocar diversas ilhas.
- b). — todos os três mapas estão *orientados para o sul*.
- c). — Os três mapas possuem *gradação lateral*, indicando a latitude. A *Carta Itineraria Europae* somente possui esta gradação ao lado esquerdo com numeração de 36° para 55°. No *Kollegienbuch*, vai de 36° até 55° e na *Tabula Europe* de 1536 de 35° a 55°. Nenhum dos mapas indica os meridianos longitudinais.
- d). — Os três mapas possuem *escala* em milhas germânicas, embora a *Carta Itineraria Europae* tenha também outras escalas. Na Carta de Waldseemüller, a gradação é de 10 em 10 milhas,

---

(54). — Na edição "reprint" do citado trabalho de WOLKENHAUER, os mapas sofreram redução, pois o mapa da Europa, mesmo incluindo as gradações laterais, ali somente mede 167 x 112 mm. (p. 468).

com pontos unitários intermediários. No *Kollegienbuch* é de oito em oito milhas com ponto para cada quatro milhas e, finalmente na *Tabula Europe* de 1536 existe graduação de 10 em 10 milhas (com exceção das primeiras 15 milhas) e ponto para cada 5 milhas o que reflete bem o processo de redução de escala...

- e). — A *nomenclatura*, embora cada vez mais esparsa, devido ao espaço cada vez menor, é semelhante e até, em geral idêntica.
- f). — os *itens geográficos*, tais como serras ou rios e os contornos do continente mostram grande semelhança entre o *Kollegienbuch* e a *Tabula Europe*, embora os contornos, bem como o aspecto geral, reflitam tendência para a simplificação. Há também semelhança com a *Carta*, mas esta é incomparavelmente mais rica em informação e detalhamento cartográfico. Em relação ao *Kollegienbuch*, isto explica-se pela redução drástica (para um quinto, mais ou menos) do tamanho do mapa, já que a riqueza de elementos da *Carta* aparece algo melhor nos demais mapas regionais do *Kollegienbuch* (por exemplo: no mapa parcial da Alemanha que se encontra no verso da penúltima fôlha de pergaminho do *Kollegienbuch*). Na *Tabula Europe* a simplificação em relação ao *Kollegienbuch* deve-se talvez pelo menos em parte também a limitação das qualidades do gravador desconhecido... Mas a eliminação progressiva das linhas pontilhadas representativas das “Grandes Rotas” — seria herança de Etzlaub na *Carta Itineraria Europae?* — foi intencional e chegava a ser completa na *Tabula* de 1536.

A comparação mais detalhada das fontes para a *Tabula Europe* de 1536 certamente justificaria um estudo separada e limitar-nos-emos somente a indicar um outro aspecto, aliás externo, que liga o mapa de Münster ao de Waldseemüller:

A *Tabula* possui em três lados uma moldura gravada em madeira que apresenta, em cada um dos lados doze e em cima oito braços de armas. Stopp (55) nos fornece a identificação dos braços e cita como caso semelhante o mapa de Erlinger, de 1515, cujo único exemplar se encontra na Harvard College Library. Acrescentamos para ilustrar este tipo de mapa que, de uma edição posterior, de 1530, embora contendo número maior de braços, Bagrow publicou uma reprodução em sua História da Cartografia (56). Antes, porém, nos parece

---

(55). — STOPP: *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 16.

(56). — BAGROW (Leo), *Die Geschichte der Kartographie*. Berlin, 1951, Tafel 74. BAGROW (Leo) e SKELTON (R. A.), *History of Cartography*. London, 1964, Plate LXXX.

ser importante assinalar que o gravador da *Tabula Europe* de 1536, já que aparentemente se baseou com exclusividade no mapa do *Kollegienbuch*, que, como manuscrito, não continha moldura alguma, teria melhor aproveitado para um mapa da Europa a magnífica moldura de mais de uma centena de braços na própria *Carta Itineraria Europae* de Waldseemüller do que os braços dos Grandes Eleitores e dos *Quattuorvirati* do Império Alemão que de fato usou.

A *Tabula Europe* com certeza tem sido citado mais freqüentemente em conexão com o livro de *Mappa Evropae*. Justifica-se esta fama em primeiro lugar pela alusão no próprio título do livro. Não nos parece todavia que este é o mapa que se relaciona da forma mais íntima com a formação geográfica de Münster, pois isto poderia ser antes o caso do mapa da Região de Heidelberg, influenciado pelas observações próprias do seu autor, se não baseado nelas. A *Tabula*, porém, estabelece de forma bastante clara o processo evolutivo de um mapa baseado em fonte anterior e, neste caso, em um mapa da mais alta importância e maior raridade, como é o caso da *Carta Itineraria Europae*, de Waldseemüller. Não é para estranhar, então, que se encontra freqüentemente reproduzido (57) e que não foi posto inteiramente de lado por Münster após o seu uso para a *Mappa Evropae*. Este uso posterior, porém, não nos parece ser tão bem documentado como ainda acreditou Hantzsch (58). Assim, o mapa da Europa incluído por Münster na edição de 1538 de Solinus-Pomponius Mela (59), apresenta mais diferenças que semelhanças com a *Tabula*: não é orientado para o sul, mas sim para o norte. Não apresenta título, mol-

---

(57). — Entre as reproduções mais recentes e, conseqüentemente mais facilmente acessíveis, citamos: IMAGO MVNDI, vol. XI, 1954, p. 150; (sem moldura e sem os pontos cardeais); WOLKENHAUER: *Kollegienbuch*, reprint in: Acta Cartographica, vol. VI, 1969, p. 475; (*idem*); MÜNSTER (Sebastian), *Cosmographiei*, Basel 1550. Reprint edition, Amsterdam, 1968; "Introduction" por Ruthardt Oehme, p. xxv. (Com moldura inteira, da edição de 1536, presumivelmente da variante "A").

(58). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 83-84, 95.

(59). — SOLINUS (C. Julius), *Polyhistor, Rerum Toto Orbe...* e MELA (Pomponius), *De Situ Orbis...* Basel, 1538. Edição comentada por Sebastian Münster e acompanhada por 19 mapas de texto (mais uma repetição), de autoria de Münster. Vide: HANTZSCH, *op. cit.*, nota 69.1; Graesse, VI 1.431; BURMEISTER (K. H.), *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 171. Hantzsch, *op. cit.*, p. 83 cita este mapa como vigésimo-terceiro em sua cronologia cartográfica de Münster e o classifica como uma "reprodução pouco modificada" da *Tabula Europe*. Localiza o mapa na p. 152, mas os exemplares consultados por nós (*Universitätsbibliothek Wien* e *Landesbibliothek Wiesbaden*) o trazem na página 158. O livro ainda traz outro mapa da Europa, de formato bem menor e de primitiva execução. Aparece duas vezes. Hantzsch cita pp. 54 e 148, mas os exemplares citados indicam as páginas 55 e 154. Hantzsch cita a paginação de uma segunda edição publicada, também em Basel, no ano de 1543.



duras, graduações, escala, nem nomes de cidades (com a única exceção de Constantinopla que apesar da referência e ilustração no texto de *Mappa Evropae*, justamente não figura na *Tabula*, embora consta, como dissemos, do mapa manuscrito do *Kollegienbuch*). A sua extensão norte-sul ainda se aproxima à da *Tabula*, mas ao leste, estende até a ilha de Chipre, abrange a maior parte da Ásia Menor e do Mar Negro e mostra o Mar de Azov (aliás exageradamente amplo e estendido para o norte). Desta forma, o mapa no Solinus-Pomponius Mela, quanto a sua extensão oriental ainda vai além do mapa da Europa no *Kollegienbuch*. A sua execução é bem primitiva, os contornos lembram mais Ptolomeo nos mapas “antigos” de Münster.

Também o próximo mapa da Europa apresentado por Münster, não se compara tão favoravelmente com a *Tabula*. Trata-se da *Prima Nova Tabula* da *Geographia* de Ptolomeo, editada por Münster em 1540. Sua área excede o da *Tabula Europe* e é quase idêntica com o mapa do *Kollegienbuch*, faltando-lhe porém a ilha de Creta e o Mar Egeu, bem como a Ásia Menor. Em compensação, aparece no Mar Báltico a ilha de Zelândia, que faltou tanto na *Tabula* como no *Kollegienbuch*, mas já constava da *Carta Itineraria Europae* de Waldseemüller. Apesar da escala mais favorável, sua nomenclatura é bem mais pobre que na *Tabula Europe*, para nem falar do *Kollegienbuch*. Por exemplo, no Reno, somente menciona quatro cidades contra sete na *Tabula* e doze no *Kollegienbuch*. Em alguns casos, porém, Münster incluiu em 1540 nomes que não constavam da *Tabula Europe* de 1536.

Nas duas edições de *Mappa Evropae* o mapa *Tabula Europe* em si é idêntico. Não obstante, existem nada menos que quatro variantes. A primeira, designada como variante “A” somente a encontramos em exemplares da primeira edição de 1536. Nela, o mapa da Europa não possui os pontos cardeais impressos tipograficamente em sua volta e a moldura inferior está completa.

Na variante “B”, encontrada em alguns exemplares da edição de 1536 e em todos os exemplares da segunda edição de 1537, quando completos, os pontos cardeais em alemão estão impressos em tipos góticos em volta do mapa. Da variante “B” conseguimos distinguir três tipos diferentes:

“B-1”: As designações *Mittag* (Sul), *Nidergang* (Oeste) e *Mitternacht* (Norte) estão voltadas com a face para o mapa, mas a palavra *Vffgang* (Leste) está com as costas para o mapa e virado para a margem interior do livro. Outrossim, no lugar da palavra *Mitternacht* (Norte) estava impressa originalmente, e por engano, *Mittag*, tendo sido corrigido a mão para *Mitternacht*, aproveitando-se as primeiras quatro letras. Este engano provavelmente se explica pela orientação do mapa

para o sul, embora isto tenha sido bem mais comum naquela época que em nossos dias.

O único exemplar desta variante por nós localizado, é da primeira edição de 1536 e encontra-se no British Museum, em Londres.

“B-2” : As designações dos quatro pontos cardeais mantêm a posição assinalada na variante anterior, mas a palavra *Mitternacht* está impressa corretamente. Presumimos pois que esta variante é posterior à “B-1”. Conhecemos três exemplares desta variante, todos pertencentes à edição de 1536. Dois exemplares encontram-se na Staatsbibliothek de Marburg, o terceiro na Biblioteca Municipal de Nuremberg. Acrescentamos que, nos exemplares das variantes “B-1” e “B-2” a parte direita da moldura inferior está danificada e tende a desaparecer.

“B-3” : Nesta variante, os pontos cardeais, impressos com os mesmos tipos, estão todos voltados com a face para o mapa. A parte direita da moldura inferior desapareceu. Todos os exemplares da edição de 1537 por nós identificados são desta variante.

\* \*  
\*

### 3. — *Mapa do Reno Superior.*

Trata-se de um mapa gravado em madeira com medidas internas, isto é, sem medir título nem escala, de 170 por 90 mm. A escala média é estimada em 1: 1.75 milhões. Não conhecemos o gravador do mapa, presumindo-se que seja o mesmo do mapa da Europa (60). A área abrangida pelo mapa estende-se da linha Säckingen-Überlingen (47° 40') até alguns quilômetros ao norte de Frankfurt-Wesel (50° 15'). Ao leste chega a incluir Stuttgart (9° 10'), ao oeste Thann, seguindo para o norte numa linha quase paralela a 7° 10' de longitude.

As fontes para este Mapa foram estudadas por vários pesquisadores (61). Todos parecem estar de acordo em aceitar o mapa do Reno da edição de 1513 de Ptolomeo como fonte original (*Tabvla Nova Particularis Provincie Rheni Superiores*), tendo Stopp argumentado em

(60). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 16.

(61). — Entre os trabalhos que tratam deste mapa, citamos: WOLKENHAUER: *Kollegienbuch*, pp. 54-65 (reprint ed.: p. 484-495); DOLCH (M.), *Die Anfaenge der kartographischen Darstellung der Rheinpfalz*. in: *Pfaelzer Heimat*, 5, (1954), p. 84; GRENACHER (Franz), *Die erste Rheinstromkarte, im 16. Jahrhundert geschaffen*. in: “Strom und See”, Basel, 1956, xii, p. 452-5; GRENACHER (Franz), *Sebastian Münsters zweite Rheinstromkarte*. in: “Strom und See”, Basel, 1957, xii p. 426-8.

favor de uma tese conforme a qual as edições posteriores de Ptolomeo, de 1522 e subseqüentes, teriam servido de modelo (62). Parece afastada a tese de Hantzsch (que não tinha visto um exemplar do mapa) que o mapa tivesse tido por base levantamentos do próprio Münster (63). Com certeza Münster foi o responsável pela inclusão de alguns nomes novos como também deve ter sido responsável pela omissão de outros em comparação com as edições de Ptolomeo. A principal objeção à tese da autoria de Münster resta na configuração errônea, embora ainda comum naquele tempo, do curso do Reno. Basicamente, existiam dois “tipos” para o curso do Reno na época: O dos mapas “antigos” de Ptolomeo, onde o Reno, entre Basel e Mainz, corre quase em linha reta para o norte (64) e o contraste, observado nos mapas de Etzlaub e seus seguidores, onde o Reno mostrava uma curvatura exagerada, apresentando, principalmente na altura de Speyer, uma verdadeira “barriga” para Leste. O mapa do Reno na *Mappa Evropae* pertence ao segundo tipo, embora de forma algo menos exagerada. E é justamente isto que desmente a autoria de Münster, pois o próprio Münster, em carta a Beatus Rhenanus de 9 de março de 1526 (dez anos antes da primeira edição portanto!) tinha se referido a um pedido dêste para uma descrição “verdadeira” e completa do Reno (65) e dois anos mais tarde (66) expressamente condenava a inexatidão dos mapas da Alemanha da época por causa do *grosz bogen den sie zwüschen Strasburg vnd Mentz in den Rhein setzen, der doch warlich nit ist, wie ich manch mal das obseruiert hab.* (... a curva

---

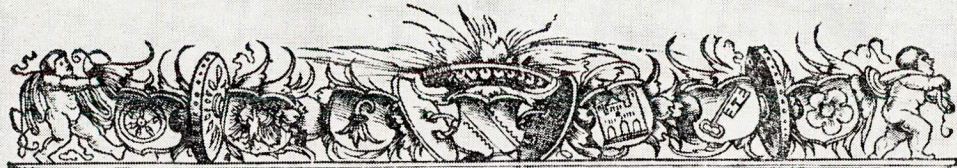
(62). — STOPP: *Sebastian Münster. MAPPA EVROPÆ*, p. 17.

(63). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 75. Sem ter visto êste mapa, Hantzsch lhe atribuiu o número “V” na sua cronologia cartográfica de Münster. Acreditamos, porém, que provavelmente a *Tabula Europe* precede ao mapa do Reno Superior, pelo menos na execução. WOLKENHAUER: *Kollegienbuch*, p. 63, nota 1 afirmou que em ambos os exemplares de MAPPA EVROPÆ da então Real Biblioteca de Berlim (um de 1536, outro de 1537) o mapa existia. STOPP, *op. cit.*, pp. 20-21 cita um exemplar de 1536 de Berlim como evacuado; o outro, de 1537, como perdido ou destruído. Para reproduções, vide: WOLKENHAUER: *Kollegienbuch*, p. 63; OEHME (Ruthardt), *Introduction* para a edição facsimilar de Sebastian Münster: *Cosmographie*. (Basel, 1550), Amsterdam, 1968, p. xiii.

(64). — Vide, por exemplo, em PTOLEMEO: *Geographia*, Strassburg, 1513 os mapas: TERCIA EVROPE TABVLA e QVARTA EVROPE TABVLA.

(65). — Carta a Beatus Rhenanus de 9 de março de 1526. Schlettstadt, Stadtbibliothek, ms. 154; reprod. em BURMEISTER (K. H.), *Briefe Sebastian Münsters*, nº 1, pp. 15-23. O pedido de Beatus Rhenanus datava de outono de 1525, mas já em 1524 houve uma discussão sôbre êste assunto entre ambos em Basel, conforme revela a carta em apreço.

(66). — MÜNSTER (Sebastian), *Erklärung des neuen Instruments der Sonnen...* Oppenheim, 1528. O trecho em questão encontra-se reproduzido em: GALLOIS (Lucien), *Les Géographes Allemands de la Renaissance*. Paris, 1890 (reprint, Amsterdam, 1963). Appendice VIII, p. 225.



Beschreibung des Rynstrass von basel bis ghan Mentz



Uffgang.

Niedergang.

grande que eles põem no Reno entre Strassburg e Mainz e que de fato não existe como observei várias vezes. . . ). O próprio Münster corrigiu esta falha, pois tanto o mapa circular da Alemanha de 1525 (67) como o mapa da Região de Heidelberg publicado em 1528 e incluído na *Mappa Evropae* mostram um curso do Reno mais realístico. E não sem razão, pois dez anos antes (ou mais), Münster já tinha desenhado um esboço do Reno (68) surpreendentemente realístico e, ao que parece, sem fonte impressa na época, indicando, pois, observações próprias do seu autor, a não ser que se tenha baseado nos dados das *Ortstafeln* bastante comuns na época.

Como explicar então que, depois de ter exigido a correção do curso do Reno nos mapas da época, depois de tê-la praticada em pelo menos dois mapas impressos e outro manuscrito, voltaria Münster a conceber um mapa com o curso do rio novamente errado? Preferimos acreditar que não foi Münster quem desenhou o mapa do Reno em *Mappa Evropae*, que lhe acrescentou somente determinados dados e que as deficiências resultaram da pressa e do descuido já observados em outros aspectos deste opúsculo.

O mapa tem por título *Beschreibung des Rynstramsz von Basel bisz ghan Mentz* (Descrição do rio Reno de Basel até Mainz) e, na parte inferior, apresenta uma escala em milhas alemãs com a seguinte explicação: *Scala tutscher mylen welcher funfzehen ghan uf ein grad* (Escala de milhas alemãs, das quais quinze cabem em um grau). Mapa, título e escala estão dentro de uma moldura em cuja parte superior encontram-se (da esquerda a direita) as armas de Mainz, Strassburg, Basel, da Alsácia (no centro) e mais as de Speyer, Worms e Hagenau.

O mapa é orientado para Oeste e dêle também existem variantes. Tal como a *Tabule Europe*, também o mapa do Reno ocorre na variante "A", sem os pontos cardeais impressos em volta de sua moldura. Exemplares desta variante somente foram encontrados na primeira edição de *Mappae Evropae* de 1536, confirmando pois, neste ponto a opinião de Stopp (69).

---

(67). — Vide nota 13.

(68). — WOLKENHAUER, *Kollegienbuch*, reproduziu este esboço, em página não numerada, sob o nº 11 (e não, como consta na p. 16 do mesmo trabalho, sob o nº 9, número este que reproduz outro esboço, mas com a "barriga"). Na edição "reprint" (Acta Cartographica, vol. VI, 1969, a reprodução do nº 11 figura na página 476. Ainda foi reproduzido na edição facsimilar recente da *Geographia* de Ptolomeo (Sebastian Münster, ed.), (Basel, 1540), publicada em Amsterdam, 1966, onde figura na p. xi da "Bibliographical Note", de R. A. Skelton. O original encontra-se na folha 239, recto, do *Kollegienbuch*, hoje na Bayerische Staatsbibliothek, Muenchen, Cml. 10.961.

(69). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 19.

Na variante “B”, os pontos cardeais em alemão estão impressos em tipos góticos, iguais àquêles usados na *Tabula Europe*, em volta do mapa e com a face voltada para o mesmo. Embora o mapa seja orientado para Oeste, a margem superior traz a designação alemã para Sul (*Mittag*), havendo, pois uma “defasagem” de 90º em todos os pontos cardeais em relação à orientação do mapa:

Margem	Orientação do mapa	Ponto Cardeal impresso
superior	Oeste	<i>Mittag</i> (Sul)
direita	Norte	<i>Nidergang</i> (Oeste)
inferior	Leste	<i>Mitternacht</i> (Norte)
esquerda	Sul	<i>Vffgang</i> (Leste)

Em virtude do descuido já assinalado com respeito à execução deste volume é possível que o tipógrafo simplesmente manteve a mesma disposição dos pontos cardeais como na *Tabula Europe*, sem notar que o mapa do Reno estava orientado de forma diferente. Ao mesmo descuido poderia ser atribuído a existência de dois tipos da variante “B”:

“B-1”: Nesta variante, a margem superior tinha originalmente *Mitternacht* em vez de *Mittag*, tendo sido corrigida à mão com o aproveitamento das quatro primeiras letras. Em outras palavras, o tipógrafo colocou na margem superior a palavra para “Norte” o que corresponderia à orientação hoje geralmente seguida. Depois a designação foi corrigida para *Mittag*, isto, é, Sul, para igualar os pontos cardeais da *Tabula Europe*, sem levar em consideração que o mapa estava orientado para Oeste!

Nesta variante, *Nidergang* e *Mitternacht* não terminam com ponto. Sômente conseguimos identificar um único exemplar desta variante. Trata-se, como no caso da *Tabula Europe* do exemplar da edição de 1536 conservado no British Museum em Londres.

“B-2”: Nesta variante, que ocorre tanto com aquêles exemplares da primeira edição, que trazem os pontos cardeais, como em todos da segunda edição, que conseguimos verificar, a margem superior traz impresso *Mittag* e todos os pontos cardeais terminam com ponto.

A comparação das variantes nos mapas da Europa e do Reno nos leva a crer que, cronologicamente temos primeiro os exemplares da variante “A”, seguidos pelo exemplar do British Museum (“B-1”) que por sua vez seria anterior aos de Marburg (dois) e Nuremberg (“B-2”

da *Tabula Europe*). Por fim, os exemplares da edição de 1537 (“B-3” da *Tabula Europe* e “B-2” do mapa do Reno).

Quanto à localização dos mapas, não se confirmou plenamente a opinião de Stopp que os exemplares da variante “B” sempre estivessem no fim do volume. Pelo menos em quatro exemplares da variante “B” (Marburg (2), Rio de Janeiro e Linz) os dois mapas desdobráveis encontram-se entre A iiiii e B ou seja, no lugar que lhes cabe pelo próprio texto. Nos exemplares de Londres (1536), Wien, München (sòmente o mapa da Europa) e de, como já assinalou Gallois (70), Zürich, os mapas estão no fim do volume.

A obra, principalmente quando completa com os três mapas, pertence às publicações mais raras de Münster que chegaram aos nossos dias.

De fato, houve uma referência muito ligeira à segunda edição já em 1855 (71), mas sem que se tivessem mencionados os mapas da Europa e do Reno Superior, que provàvelmente faltavam no exemplar examinado. Posteriormente a obra ficou quase esquecida. Rudolf Wolf (72) faz menção do título tirado de um catálogo de leilão, mas confessa que não conhece a obra de forma que anos depois Salomon Voegelin podia afirmar com alguma justificação que o livro, de cuja segunda edição encontrou na atual Biblioteca Central de Zürich, um dos quatro exemplares completos hoje conhecidos,

“era extremamente rara e desconhecida entre os bibliógrafos” (73).

Quase vinte anos depois, Hantzsch discute o livro, transcreve-lhe o título das duas edições, aliás com ligeiro êrro, (74) e menciona até

---

(70). — GALLOIS (Lucien), *op. cit.*, p. 222, nota 2. E' interessante notar que Gallois sòmente cita a segunda edição. Parece não ter conhecido a edição de 1536.

(71). — WIECHMANN-KADOW: *Sebastian Muenster's Cosmographie, 1537*. Leipzig, 1855. *Archiv fuer die zeichnenden Kuenste*, I p. 209-210.

(72). — WOLF (Rudolf), *Sebastian Muenster von Basel. 1489-1552*. *Biographien zur Kulturgeschichte der Schweiz. Zweiter Cyclus*. pp. 1-26. Zuerich, 1859. WOLF (Rudolf), *Geschichte der Vermessungen in der Schweiz als historische Einleitung zu den Arbeiten der Schweizerischen geodaetischen Commission*. Zuerich, 1879 S. Hoehr. (Münster: pp. 4-13). Wolf é citado por Voegelin (vide nota seguinte) por ter afirmado que o título de “*Cosmographie*” deveria se referir ou a uma obra diferente e preparatória (do que a *Cosmographia*) ou a uma obra desconhecida para êle ou deve se baseiar em êrro.

(73). — VOEGELIN (Salomon), *Sebastian Münsters Cosmographie, in: Baseler Jahrbuch, 1882*, pp. 110-152. Vide também: VOEGELIN (Salomon), *Zur Entstehungsgeschichte von Sebastian Münster's Cosmographie, in: Anzeiger fuer Schweizerische Geschichte. Neue Folge II, Jahrgang VIII*, pp. 280-284. Solothurn, 1877. *Reprint: Acta Cartographica*, vol. VII, 1970, pp. 468-472. Neste trabalho anterior, mais condensada e sem notas, VOEGELIN, porém, não cita Wolf.

(74). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, pp. 39-41, 75-76, p. 148, nota 63.1, 63.2.



uma terceira edição, de 1558, como existente na Biblioteca de Wolfenbüttel (75). Acontece que esta edição não existe na referida biblioteca, nem se encontra relacionada em qualquer outra bibliografia consultada, de forma que há razão para duvidar de sua existência. O próprio Hantzsch, porém, ao relacionar a obra cartográfica de Münster (76) admite que, em todos os exemplares por ele consultados, falta o mapa do Reno. Alega que na *Universitätsbibliothek Basel* existe um exemplar completo descrito por Voegelin (77), fazendo obviamente confusão com o exemplar da *Zentralbibliothek Zürich*, já que ao exemplar da Biblioteca da Universidade de Basel também faltam os dois mapas desdobráveis (78). Mais estranho, e somente parcialmente explicável pela excessiva raridade dos mapas desdobráveis, parece a afirmação de uma autoridade como Leo Bagrow, segunda a qual a primeira edição de 1536 teria saído sem mapa algum (isto é, nem o mapa da Região de Heidelberg na folha A iii verso) e que somente em 1537 os mapas teriam sido incluídos (79). Por um lapso lamentável, idêntica afirmação continuaria mesmo na edição ampliada da "História da Cartografia" de Bagrow, revista por Skelton em 1964 (80).

Os levantamentos bibliográficos efetuados num espaço de quase setenta anos por Hantzsch (81), Burmeister (82) e, mais recentemente, Stopp (83) levam aos seguintes resultados:

Da edição de 1536, Hantzsch cita quatro exemplares, dos quais Burmeister confirma somente dois e Stopp três. O quarto, da Biblioteca Estadual de Berlim, tinha sido evacuado em consequência da guerra e assim não estava ao alcance de Stopp. Conseguimos, porém, localizar tanto este exemplar (sign. Pq 3501) como outro da mesma Biblioteca e não relacionado por nenhum dos três bibliógrafos (sign. Pq 3500, hoje 8º Kart. F 28) na Biblioteca Estadual de Marburg, ambos completos.

Por sua vez, Burmeister encontrou dez exemplares, todos também contidos nos quinze exemplares pesquisados por Stopp. Este último, único quem indica o estado completo ou não dos exemplares examinados, cita quatro exemplares completos, sendo dois da variante "A" e dois da variante "B". Todos estes também tinham sido men-

---

(75). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 149, nota 63.3.

(76). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 75, mapa nº V.

(77). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 164, nota 143.

(78). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 20.

(79). — BAGROW (Leo), *op. cit.*, p. 120.

(80). — BAGROW (Leo) e SKELTON (R. A.), *op. cit.*, p. 151.

(81). — HANTZSCH (Viktor), *op. cit.*, p. 148-9, notas 63.1 e 63.2.

(82). — BURMEISTER, *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 64 e 65.

(83). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, pp. 20-21.

cionados por Burmeister. Além dos dois exemplares em Marburg, encontramos outro, sem os mapas desdobráveis, na *New York Public Library*. Também êste exemplar não foi assinalado por qualquer dos demais bibliógrafos. Resumindo: da primeira edição conhecemos hoje um total de dezoito exemplares, dos quais seis completos.

Da segunda edição de 1537, Hantzsch nos informa sôbre nove exemplares: sômente cinco dêstes encontraram confirmação tanto por parte de Burmeister como de Stopp, tendo êste último eliminado ainda dois dêstes exemplares como perda de guerra ou por outro sinistro. Os quatro exemplares restantes de Hantzsch foram confirmados ou por Burmeister ou por Stopp. Também no caso da segunda edição Stopp não confirma nenhum exemplar de Hantzsch como sendo completo, o que explicaria a informação de Hantzsch de não ter visto exemplar contendo o mapa do Reno. Burmeister, por seu lado, informa sôbre dezeseite exemplares, dois dos quais citados por Stopp como perdidos e quatro nem citados por Stopp (Heidelberg — Biblioteca da Universidade; Biblioteca Estadual de München, Thorn — Biblioteca Municipal e Biblioteca Nacional de Viena). Stopp, finalmente, cita dois exemplares completos, doze incompletos, um (incompleto) de um catálogo de livreiro e, conseqüentemente, de paradeiro incerto, três cuja existência ou não dependeria ainda de pesquisas e outros três como perdas, possivelmente em conseqüência da última guerra. O total global então seria de 21 exemplares, dos quais, no máximo dezoito ainda existentes.

Dos quatro exemplares da segunda edição citados por Burmeister mas omitidos por Stopp conseguimos identificar em 1970 dois, ou seja um exemplar incompleto da Biblioteca Estadual de München (Sign. 4º Eur 195) (falta-lhe o mapa do Reno) e um exemplar completo na Biblioteca Nacional de Viena (Sign. 393.207 BK).

Como já foi assinalado, nenhum bibliógrafo citou o exemplar completo da edição de 1537 existente na Biblioteca do Palácio do Itamarati no Rio de Janeiro.

Não considerando o exemplar incompleto constante de um catálogo de livreiro como sendo de paradeiro atual incerto, teríamos então da segunda edição um mínimo de dezeseite exemplares, dos quais quatro em estado completo. Conforme Stopp, haveria possibilidade de existirem mais sete exemplares. A raridade extraordinária do exemplar hoje conservado no Itamarati então se baseia no fato de ser um de dez exemplares completos conhecidos e o único exemplar completo nas Américas:

1536 Variante A	Erlangen Universitaetsbibliothek Heidelberg, Universitaetsbibliothek
Variante B-1	Londres, British Museum
Variante B-2	Marburg, Staatsbibliothek Marburg, Staatsbibliothek Nuremberg, Stadtbibliothek
1537	Linz, Studienbibliothek Rio de Janeiro, Biblioteca do Itamarati Wien, Nationalbibliothek Zuerich, Zentralbibliothek

Finalmente, cabem ainda algumas observações acêrca de aspectos tipográficos da *Mappa Evroepae*:

Ambas as edições foram publicadas por Christian Egenolff em Frankfurt. Egenolff (26 de julho de 1502-9 de fevereiro de 1555) imprimiu, de 1528 a 1530, em Strassburg. Existem obras por êle impressas em Frankfurt a partir de dezembro de 1530 e o total dêstes possivelmente alcançou o número elevado de 500 títulos. De 1538 em diante manteve durante alguns anos uma espécie de “filial” em Marburg, da qual saíram aproximadamente 80 impressos, a metade de caráter oficial por parte da Universidade (84).

Não possuímos informações exatas sôbre as relações de Münster com Egenolff. Burmeister (85) aventa a possibilidade de um encontro entre os dois por ocasião de uma visita (não documentada) de Münster à feira de livros de Frankfurt. Stopp procurava a chave na própria *Mappa Evroepae* e os seus argumentos parecem válidos, embora poderiam ser ampliados. Nada menos que dez das dezenove xilogravuras (mais três repetições) da primeira edição foram por Stopp identificados como sendo iguais àquelas usadas na edição alemã do “Calendário” de Stöffler de 1518 (86), enquanto que sete outras lhe pareciam ser pelo menos do mesmo gravador, deixando assim somente duas gravuras (três na segunda edição) para serem classificadas. Ora, o “Calendário” de Stöffler foi impresso por Jacob Koebel em Oppen-

---

(84). — BENZING (Josef), *Die Buchdrucker des 16. und 17. Jahrhunderts im Deutschen Sprachgebiet*. Wiesbaden, 1963. Egenolff em Strassburg: p. 415; Frankfurt: pp. 113-114; Marburg: p. 305. Sôbre as obras impressas por Egenolff em Frankfurt, vide: BENZING (Josef), *Die Drucke Christian Egenolffs zu Frankfurt am Main von Ende 1530 bis 1555*, in: *Das Antiquariat* (Wien) IX. Jahrgang, n.º 11-12, pp. 139-40. 13-16, pp. 162-64. 17-18, pp. 201-02. 19-22, pp. 232-36. A edição de 1536 figura sob o n.º 110, a de 1537 sob o n.º 130 nesta bibliografia.

(85). — BURMEISTER, *Sebastian Münster. Biografia*, p. 115.

(86). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 19. Vide também: BENZING (Josef), *Jakob Koebel zu Oppenheim. 1494-1533*. Wiesbaden, 1962, onde as edições de 1518 e 1522 figuram nos números 59 e 77, respectivamente.

heim, de cujo espólio (Koebel morreu em 31 de janeiro de 1533) Egenolff tinha adquirido pelo menos parte dos blocos. Entre êstes, Stopp assinala o bloco do mapa da “Região de Heidelberg”. Acrescentamos que foi Koebel quem, em 1525, tinha impresso o mapa da Alemanha de Münster (87) e quem, em 1528 também publicou a respectiva *Erklerung* (88). Desta, como já assinalamos, constava o mesmo mapa da “Região de Heidelberg” que se encontra em *Mappa Evropae* e mais, a respectiva descrição (1536: A iiiir + v; 1537: A iii verso e A iiiii recto) (89). Além disto, porém, a *Erklerung* de 1528 também continha a *Anleytung wie man geschicklich vnd leychtlich eyn vmbkresz eyner stat beschreiben soll* que aparece no início da *Mappa Evropae* (1536: A ii recto — A iii recto; 1537: A i verso — A ii verso) e sua instrução para determinação da latitude geográfica. Desta forma, e isto nos parece ser o aspecto importante, quase tôda a parte de geografia matemática da *Mappa Evropae* foi transcrita da *Erklerung* de 1528. Isto, junto com a aquisição dos blocos de gravuras por Egenolff poderia explicar a razão de ter sido publicado *Mappa Evropae* por Egenolff. Sômente como parêntese e para ressaltar ainda mais a validade desta argumentação, acrescentamos um caso análogo, pois a segunda edição da *Erklerung* de 1528 foi impressa em 1534 por Peter Jordan, de Mainz, como única obra de Münster saída daquela casa e foi justamente o mesmo Peter Jordan que, em 1533, havia adquirido tipos, iniciais e outra parte dos blocos de xilogravuras do espólio de Koebel. . . (90).

Esta edição da *Erklerung* não contém o mapa da região de Heidelberg (o qual naquela época provàvelmente já estava com Egenolff), mas reproduziu a parte da geografia matemática, inclusive a *Anleytung* e continha a xilogravura da bússola que iríamos reencontrar na fôlha de rosto de *Mappa Evropae*. Isto indica pelo menos a possibilidade de relações entre Peter Jordan e Egenolff ou a repetição do caso Koebel, já que Jordan imprimiu em Mainz até 1535 ou 1536, ano em que saiu a *Mappa Evropae* pela tipografia de Egenolff. . .

Tanto Stopp (91) como Burmeister (92) afirmam que *Mappa Evropae* teria sido a única obra de Münster publicada por Egenolff. Acontece, porém, que a terceira edição da *Erklerung* foi publicada

---

(87). — Vide nota 13 e a bibliografia de Koebel citada na nota anterior, nº 91.

(88). — Vide nota 14 e a bibliografia de Koebel citada na nota 86 onde figura sob o nº 93.

(89). — Vide nota 39.

(90). — BENZING (Josef), *Die Buchdrucker des 16. und 17. Jahrhunderts im Deutschen Sprachgebiet*. Wiesbaden, 1963, p. 298 e 352.

(91). — STOPP, *Sebastian Münster. MAPPA EVROPAE*, p. 19.

(92). — BURMEISTER, *Sebastian Münster, Biografia*, p. 115.

em 1544 pela já assinalada “filial” de Egenolff em Marburg (93). Isto também contradiz a informação de Benzing, conforme a qual Egenolff teria entregue já em 1543 esta tipografia ao seu então assistente Andreas Kolbe, que, a partir desse ano teria firmado as obras impressas com seu próprio nome, embora em um ou outro caso, em 1551 e 1552, teriam saído obras impressas com os nomes de Egenolff e Kolbe em conjunto (94). Considerando que a quarta edição da *Erklerung* saiu já no ano seguinte, ou seja, em 1545, pela mesma tipografia, porém especificamente sob o impressum de *Andres Kolben*, acreditamos que Egenolff de fato seja ainda o impressor da edição anterior e assim teria impresso duas obras de Münster (95).

---

(93). — BURMEISTER, *Sebastian Münster. Bibliografia*, nº 33.

(94). — BENZING (Josef), *Die Buchdrucker...*, p. 305, nº 4 e 5.

(95). — Sobre a quarta edição, vide: BURMEISTER, *Sebastian Münster, Bibliografia*, nº 34.